

MUSEU DO COLONO

Valorizando a memória de Santa Leopoldina

José Luiz Holzmeister (*)

O Espírito Santo é um estado de poucos museus. Aliás, o próprio Brasil é paupérrimo nesses espaços onde são mostrados a arte, a cultura, a história, enfim, a memória de um povo. No interior do país, pouco se fala em museu. Bem ao contrário de outras nações, onde o forte é mostrar aos que as visitam o que ficou do passado, a memória do seu povo.

Uma viagem a Paris não é completa se o turista não visitar o Louvre. O mesmo ocorre com a URSS se o visitante não for a Leningrado para ver o magestoso Ermitage. Quem visita Amsterdã e não vai conhecer nas telas de Van Gogh o maior acervo da arte do pintor holandês, apenas passou pela Holanda, não conheceu sua arte.

No Espírito Santo, todavia, fugindo à rotina, pois uma cidade do seu interior, muito pouco aquinhada com as benesses do governo - ela deu toda a força hidráulica para duas hidroelétricas e não tem uma indústria - tem o seu museu de arte. Apesar de ser hoje quase uma cidade morta, daquelas que Monteiro Lobato fala no seu

Urupês, Santa Leopoldina tem a glória de ter guardado a memória dos seus heróis, dos homens que deixaram as frias regiões européias, aos pés dos Alpeninos, para vir plantar num distante país tropical uma nova cidade. É ali, bem perto de Vitória, a poucos quilômetros do centro nervoso, que se instala um rico museu memorialista do Brasil, hoje mantido pelo Departamento Estadual de Cultura.

Ele nasceu apenas **Museu Holzmeister**, para cultuar a memória dos membros da família Holzmeister, graças ao idealismo, cultura e amor à terra e aos seus, de Luiz Holzmeister, que nunca passou de Promotor Público para não deixar a cidade onde nasceu, embora pudesse chegar a cargos mais altos na magistratura.

A iniciativa deixou de ser um museu familiar para se tornar municipal, com as ofertas que recebeu de todo o interior, de objetos de todos os tipos, desde as ferramentas dos instrumentos de música, do mobiliário ao vestuário, usados pelos primeiros imigrantes. Foi quando se tornou **Museu do Colono**, nome que hoje ostenta.



Foto Enéas Mateus

No interior deste museu, um mundo de arte e cultura

Acervo precioso

Quando era apenas **Museu Holzmeister**, já funcionando em casa tombada pelo Patrimônio Histórico do Estado, para poder preservar intacta toda a sua estrutura original, o Museu do Colono mostrava apenas fotografias da família, o mobiliário, os livros, as alfaias, como jogos de porcelana francesas, chinesas, e austríacas, quadros a óleo e a bico de pena trazidas pelo chefe da família, Luiz Holzmeister.

Hoje, com a mudança em 1969 para **Museu do Colono**, mantido pelo Departamento Estadual de Cultura, o acervo geral é constituído em seu primeiro andar com o que representava o **Museu Holzmeister**, inclusive com as acomodações onde ficou por uma noite o Imperador D. Pedro II em sua visita ao Estado em 1860. No andar térreo estão centenas de ferramentas usadas pelos colonos em sua luta interiorana, seus instrumentos musicais, entre os quais muitos realezos, peças da cozi-

nya pomerana, mobiliário rústico, de grande valor artístico, fotos de festividades rurais realizadas por luxemburgueses, austríacos, suíços, franceses e holandeses, grupos étnicos que vieram nas diversas levas da imigração para Santa Leopoldina. Pena que a cidade não tenha um hotel para receber turistas, pois o município, com as belezas de que dispõe e com seu Museu do Caboclo poderia estar entre os locais de visita obrigatória de todo o turista que se presa.



Hall de estilo muito usado no começo do Século XX



Sala de jantar da família Holzmeister: acervo do Museu